

# Divulga-se

## DRUMMOND

### O terrorista: ontem e hoje.

Em artigo recente, Fernando Pedreira teve a benevolência de lembrar um escrito publicado por mim há dez anos no Jornal do Brasil. Trata-se de diálogo sobre a figura do terrorista, que, em 1970 como em 1980, preocupava o País. Não por falta de assunto, mas porque o assunto, dez anos depois, volta a ser sinistramente atual, permito-me examinar essa página antiga, que dedico a novos leitores.

#### O TERRORISTA

— Que é ser terrorista?  
— Ser terrorista é ser maniqueu cego.  
— Por que é cego esse maniqueu?  
— Por que ao mal deu o nome de bem, e ao bem deu o nome de mal.  
— Qual a consequência de tal cegueira?  
— A consequência é o terror íntimo, que se desdobra no terror externo.  
— O terrorista é um aterrorizado?  
— Sim, o terrorista é um aterrorizado, porque passou a ter medo da vida na variedade de suas opções.  
— Que pretende o terrorista em ação?  
— Pretende, em primeiro lugar, dar vazão ao seu próprio terror, projetando-o.  
— E em segundo lugar?  
— Em segundo lugar, pretende passar do terrorismo de baixo para cima, ao terrorismo de cima para baixo.  
— Como assim?  
— O projeto do terrorista é demolir o estabelecimento cheio de erros para instituir outro estabelecimento que seja o Erro Total.  
— Que é o Erro Total?  
— Uma utopia com alicerces no ódio e no sangue.  
— De qualquer sangue?  
— De qualquer, mas de preferência o sangue dos inocentes.  
— Por que o dos inocentes?  
— Em primeiro lugar, porque os inocentes são sempre os mais vulneráveis.  
— E em segundo lugar?  
— Por ser maior o prazer do mal cometido em bem para o seu gosto.  
— O terrorista sente prazer no ato de exterminar?  
— Ele sente prazer na descarga emocional e na ilusão de domínio.  
— Este prazer é completo?  
— Não, este prazer encerra um verme.  
— Como se chama este verme?  
— Chama-se duplicação do terror íntimo do terrorista, que absorve o seu ato.  
— E qual é a consequência?  
— A consequência é o terrorista ficar mais cego e mais cruel em sua cegueira.  
— E quando ele perde a parafusa?  
— Nem por isso fica menos cego.  
— A que conduz, afinal, o terrorismo?  
— A nada, se derrotado.  
— Nada, nada?  
— Pode conduzir à agravação da injustiça no mundo, se for derrotado por uma violência maior.  
— E se for vitorioso?

Nunca será vitorioso, sendo num período.  
— E que aconteceria nesse período?  
— A injustiça completa, já disse.  
— Qual a fórmula para resolver o problema?  
— A solução não está em fórmulas, está na vida.  
— E que se pode esperar da vida?  
— Deve-se esperar consciência de erros que geram o desespero e que abrem caminho ao terrorismo.  
— Então esses erros justificam de certa forma o terrorismo?  
— Não justificam de forma alguma, porém explicam.  
— É possível reeducar um terrorista?  
— Ainda não se encontrou tratamento científico para ele. Mas pode-se educar o jovem para não ser terrorista.  
— A educação consegue tudo?  
— Milagre, não. Mas há muitas formas eficazes de educar, mesmo fora da escola.  
— Por exemplo?  
— Um projeto democrático, que dê bem-estar relativo a homens livres, relacionados.  
— Não é também utopia?  
— O contrário dela. Não aspira ao absoluto.  
— E no plano individual?  
— Cada um começa a educação por si mesmo, extirpando a raiz de terrorismo que se esconde sob os mais enganadores disfarces.  
— Somos terroristas em potencial?  
— Muitos são e não sabem. Acham até que são contra.  
— Cre na melhoria do homem?  
— Acredito no esclarecimento do homem, mais hoje mais amanhã. Por que não?  
— Agora o senhor e me pergunta. Sou repórter, não sou entrevistado. Agradeço-lhe as respostas. Como é mesmo o seu nome?  
— Pode me chamar de Sepsis Comum, mas prefiro guardar o anonimato.

O diálogo prosseguiria hoje desta maneira:  
— O terrorista procura sempre combater uma situação injusta?  
— As vezes ele combate um sistema que, de um modo ou de outro, procura ser menos injusto. Combate a esperança.  
— Neste caso...  
— Neste caso, a gente tem a sinistra impressão de que o terrorista é um integrante do sistema que não se conforma com a sua tentativa de melhorar.  
— Então será fácil identificar o terrorista e neutralizá-lo.  
— É o que você pensa. Fica muito mais difícil.  
— A palavra do presidente está empenhada nesse sentido.  
— E eu acredito no seu empenho. Mas acredito também que tudo se fará para baralhar as coisas e não se chegar a resultado positivo. Não é difícil inventar um falso terrorista para descobrir o terrorista verdadeiro. Você está querendo saber de mais, quando o mais cômodo é saber o menos possível.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE



A São Paulo de Agostinho Batista de Freitas, na Paulo Figueiredo.

### Uma quinta-feira quente nas visuais

O recorde de aberturas de exposições da semana pertence ao dia de hoje, quando nada menos de dez mostras serão inauguradas, algumas delas muito importantes, como as de Fleminghi e Sacilotto, Samson Flexor e Agostinho Batista de Freitas.

Reabrindo a discussão em torno da importância e até mesmo do pioneirismo brasileiro no abstracionismo geométrico, o MAM (Ibirapuera) abre, às 19 horas, uma oportuna exposição retrospectiva de Hermelindo Fleminghi e Luiz Sacilotto. Os dois começaram figurativos e depois se juntaram aos concretistas. Participaram das Bienais, ganharam muitos prêmios, têm um lugar de honra na história visual do país. É claro que tudo isso não impedirá que o nome de Vasarely esteja no meio das discussões que esta grande exposição vai provocar. Até 12 de outubro.

O Jockey Club (Cidade Jardim) em seu Salão Luiz Nazareno abre, às 20 horas, uma exposição que quer lembrar os dez anos de morte de Samson Flexor, um pintor que também transitou — como os dois acima — com muita facilidade entre a figura e a abstração. A mostra de Flexor é também retrospectiva. No mesmo local, sua sobrinha e aluna, Vera Bianchi, mostra seus trabalhos. Quem montou a exposição foi um grande amigo do pintor, o mais antigo funcionário da Bienal de SP: Guimarães Morelo. Flexor é considerado o introdutor do abstracionismo no Brasil.

A Galeria Augusta (Rua Augusta, 2161) é uma galeria muito especial, que não faz individuais e se limita a coletivas de acervo. Tem, também, o melhor conjunto de livros importados de Fotografia e periodicamente lança excelentes livros de arte e/ou poesia. É o caso de A Palavra Médica, com poemas inéditos de Carlos Drummond de Andrade, ilustrados por Emeric Marcier. As 21 horas o lançamento da obra, um produto da Andromeda. A edição é limitada e assinada pelos autores.

Impresvisível, sempre fascinante nas suas soluções estéticas para o visual urbano da cidade de São Paulo — realizadas a partir de cartões-postais que recria com muita beleza —, o pintor Agostinho Batista

de Freitas abre hoje, às 21 horas, na galeria Paulo Figueiredo (rua Bela Cintra, 1677), uma individual onde o colorido intenso de sua pintura vai valorizar, ainda mais, a grande beleza contida, com humor, nas suas telas. São obras deste ano, que custam entre Cr\$ 25 mil e Cr\$ 90 mil.

Manezinho, Araújo escolheu a Galeria Bonfiglioli (Rua Augusta, 2995), para mostrar, às 21 horas, suas pinturas cheias de otimismo, que denunciam, quando não optam pelo surrealismo (onde ele é bom pintor), uma certa vocação para a pintura de postal turístico, portanto, agradável e digestiva. Esta é a quarta exposição do artista nordestino, mestre na embolada, mas com muita pressa em se firmar como pintor. Já conseguiu chamar a atenção sobre sua obra.

João Suzuki, que tem um jeito muito próprio de fazer suas figuras orientais e um currículo respeitável ao longo de vinte anos, escolheu uma forma nova de mostrar sua pintura: são os ovóides, pintura dentro da forma e do formato do ovo. Uma pintura voltada para o início da vida e investigadora dos mistérios do sonho. Abertura às 21 horas na Galeriateller — Rua Oscar Freire, 2549.

Os outros acontecimentos do dia são a mostra de Fotografias de Tuca Reines, paulista, 24 anos, estudante de arquitetura. Ele abre mostra na Galeria Asa Mil (Rua Cunha Gago, 431 - Pinheiros) expõe 16 fotos que abordam a cor na paisagem litorânea e na arquitetura popular.

Na onda paulistana de revalorização da Colagem como um caminho autônomo de arte, Cynthia May Richard, abre, às 21 horas, na Galeria Bandeirante (Rua José Getúlio, 442), uma exposição de obras onde serão mostrados os trabalhos de cinco artistas: Roberto, Richard, Fábio Boer, Wilson Moraes, Dora Monteiro e Nelson de Paula. Também, às 21 horas, abrem suas exposições André Szymakowski, na Galeria Itaú, (Av. Higienópolis, 462), com pinturas figurativas, e Estefânia Santos, pintora sergipana residente em Santos, que escolheu a galeria Nossa Caixa (Av. Faria Lima, 619) para mostrar suas últimas obras.

OLNEY KRÜSE

### Lô Borges, maduro para voltar.



Ele canta na FGV

Há uma nova geração de artistas mineiros aparecendo na música popular brasileira tendo, invariavelmente, seus nomes ligados ao famoso Clube da Esquina, de Milton Nascimento. É o caso de Lô Borges, Wagner Tiso, Toninho Horta e, também, o de Lô Borges, o cartaz desta semana dentro do projeto Pela Qualidade da Nossa Geração, que pretende mostrar até o final de outubro as várias correntes da música nacional, no palco do Teatro da Fundação Getúlio Vargas.

A Via Lactea é o seu primeiro disco individual, feito depois de alguns anos de retiro em sua carreira. Depois dos anos de conjunto vocal composto na medida exata para parecer com os Beatles, das participações em discos de Milton Nascimento, e de esporádicos shows beneficentes, Lô voltou a gravar — fez este Via Lactea — tentando refletir neste trabalho a razão pelas quais se afastou para estudar e depurar sua forma de compor.

Um pouco antes de gravar ele saiu por cinco capitais do Nordeste, participando do Projeto Pingüingo junto com Wagner Tiso. E esteve, então, um artista maduro, pronto para "mergulhar de volta ao show-biz". O repertório de Lô, nesta série Pela Qualidade da Nossa Geração, é uma mistura das músicas mais conhecidas como O Trem Azul, Nuvem Cigana, Um Girassol da Cor do seu Cabelo, e Clube da Esquina nº 2, com O Caçador, Vento de Maio, Você Fica Melhor Assim e Fio da Navalha. As apresentações serão na quinta e sexta-feira, às 21h, sábado às 20 e 22h, e domingo às 20h. Os ingressos, à venda na bilheteria do GV, Av. Nove de Julho, 2029, custam Cr\$ 250,00 e Cr\$ 200,00 (estudantes).

### BOATES



Agildo Ribeiro faz o show, às 20h30, na Ta Matete.

Opera Cobaré — (r. Rui Barbosa, 345 — Tel.: 289-0274). Aberto das 21h até a madrugada. Hoje, às 23h show com o comediante Grande Otelo e a cantora Neusa Borges, e o orquestra do nostro Branco para os que gostam de dançar. Couvert artístico — Cr\$ 300,00. Sanduiches entre Cr\$ 50,00 e Cr\$ 60,00, coquetéis entre Cr\$ 40,00 e Cr\$ 45,00. C.C. não aceita. Estacionamento em frente. Folga aos domingos e feriados.

O Baco (r. Bela Cintra, 306, Tel. 236-5488). Apresenta à meia-noite o Show Esse São Paulo Que Eu Amo, de Abelardo Figueiredo, com Ary Toledo e Márcia Maria de Paula. Baco é o show e o Boleiro da noite — Tel. 282-7677. Aberto a partir das 20h. Restaurante interior. Show de 4° a 6°, às 23h30 e Meia. Couvert artístico — Cr\$ 500,00. Sugestão do cardápio do restaurante. Entrada — creme de aspargos — Cr\$ 180,00, pratos Comaró à St. Paul — Cr\$ 550,00, Steak ao Diana — Cr\$ 400,00, Sobrecoxa — Mousse de Chocolate — Cr\$ 150,00. Bebidas — Uisque nacional — Cr\$ 230,00. Uisque estrangeiro (1° linha) — Cr\$ 350,00, (2° linha) — Cr\$ 300,00. C.C. Passaporte, Credencial, Ele e Nacional. Estacionamento próprio. c/manabrista. Não falg.

Ta Matete — (av. 9 de Julho, 5725, Tel. 881-3622). Aberto das 20h, até o último freguês. Música ao vivo no American Bar. Show de quarta e sábado às 23h30, com Agildo Ribeiro. Couvert artístico — Cr\$ 500,00. Uisque nacional — Cr\$ 150,00 e estrangeiro (1° linha) — Cr\$ 250,00 e (2° linha) — Cr\$ 200,00. C.C. todos. Estacionamento fidal. porta d'2 manobrista. Folga aos domingos.

## PARA RIR MUITO: O SHOW DE JÔ SOARES NO PROCÓPIO FERREIRA OU A REPRIS DE BANZÉ NO OESTE, NO BIJOU.

### CINEMA

Carlitos dirigido por Maz Senet, no Coral 2.

### Drama

A Última Ceia (La Última Cena) — Filme cubano, dirigido por Thomaz Guillerme Allez. Produção 1976. A ação se passa em fins do século 18, quando um conde, senhor de terras, reúne 12 de seus escravos para uma ceia. Com Nelson Villogio, Silvano Rey e Luiz Alberto Garcia. — GAZETINHA (av. Paulista, 900). PARAMOUNT 2 (av. Brigadeiro Luís Antonio, 411). Horário: 14h30, 17h, 19h30 e 22 horas. Censura: 14 anos.

A Valte do Filho Pródigo — Um nordestino deixa o Rio, depois de matar a amante. Direção de Ipiavata Neves, produção 1980. Com Helbert Rangil, Dilma Lôes, Teresa Roché, Marlene, Rayme Barcellos. REGINA (av. São João, 1.140). GAZETINHA (Av. Paulista, 900). PAISSANDU, Sala Império (Largo do Paissandu, 60). CAL CENTER (Av. Faria Lima, 1541). Horário normal. Censura: 18 anos.

Colégios e Lições de Sexo — Diretor de escola faz filmes pornô com os alunos. Direção de Juan Baijon, produção 1980. Com Aldine Müller, Fábio Villalonga, José Lucas, Dorothy Lenner, Sérgio Hingst, MARROCOS (r. Conselheiro Crispiniano, 352). Horário: 10h, 11h45, 13h30, 15h15, 17h00, 18h45, 20h30 e 22h15. Censura: 18 anos. METROPOLE (r. São Luís - Galeria Metrô-pole).

### Aventura

Caboclinho — Evocando os filmes da década de 30 e 50, mostrando a trajetória de três personagens em 1948, após guerra, buscando um tes-

### Documentário

Os Anos JK — Uma trajetória política — Filme de Silvio Tendler. Teatro de Cláudio Bojunga, produção 1980. Mostrando vários momentos da cena política brasileira, como Tancredo Neves, marechal Henrique Lott, Dante Periano, a vida legalista de Prestes, movimentos culturais da época, a retomada

### Musical

A Rosa (The Rose) — Bette Midler é Rose, estrela do rock, fulgurante no palco, mas insegura e frágil mulher. Direção de Mark Rydell, produção 1979. Com Alan Bates e Frederic Forrest. PAULISTANO (av. Brigadeiro Luís Antonio, 411). Horário: 13h30, 16h20, 19h10 e 22 horas. Censura: 18 anos.

O Show Deve Continuar (All That Jazz) — Melhor filme do Festival de Cannes. Joe Giard, famoso diretor teatral, sofre um ataque cardíaco. Durante a operação ele coreografa sua morte. Com Ray Schreyder, Jessica Lange, Ann Reinking. Dirigido por Bob Fosse. BELAS ARTES — Sala Vilalobos (r. Consolação, 2530). Horário normal. Censura: 16 anos.

### Reprise

As Festas do Coração (Leis Festas Galantes) — Direção de René Clair, produção 1965. Com Jean Pierre Cassel. CORAL 1 (r. Sete de Abril, 381). Horário: 12h, 14h e 20 horas. Censura: 18 anos.

As Duas Inglezas e o Amor (Deux Anglaises et le Continent) — Direção de François Truffaut, produção 1971. Com Jean Pierre Léaud. CORAL 1 (r. Sete de Abril, 381). Horário: 14h, 18h e 22 horas. Censura: 18 anos.

A Noite (La Nuit) — Direção de Michelangelo Antonioni, produção, 1960. Com Jeanne Moreau e Marcello Mastroianni. BIJOU (praça Roosevelt, 172). Horário normal. Censura: 18 anos.

### Banzé no Oeste

(Blazing Saddles) — Direção de Mel Brooks, produção 1974. Com Gene Wilder e Cleavon Little. BIJOU - sala Sérgio Cardozo (praça Roosevelt, 184). Horário normal. Censura: 18 anos.

Cantando na Chuva (Singin' in the Rain) — Direção e interpretação de Gene Kelly. Com Donald O'Connor e Debbie Reynolds. Produção, 1951. METRO 2 (av. São João, 791). Horário normal. Censura: 16 anos.

Carlitos Big Romance — Direção de Max Senet, produção 1915. Com Charles Chaplin e Mabel Normand. CORAL 2 (r. Sete de Abril, 381). Horário: 13h40, 16h30 e 22h10. Livre.

Coração de Cristal — (Herz aus Glas) — Direção de Werner Herzog. Produção 1977. Com Josef Bierwicher, Stefan Güter e Sônia Siba. VITRINE 2 (av. Iguaçu, 2530). Horário normal. Censura: 16 anos.

Dona Flor e Seus Doze Maridos — Direção de Bruno Barreto, produção 1971. Com Sonia Braga, José Wilker, IRI-RANGA 2 (av. Iguaçu, 785). Horário: 11h, 13h15, 15h30, 17h45, 20 e 22h15. MAJESTIC

### SHOW

Rua Ramallete, com Tavo e banda, às 21h, no Augusto.

Batista Alves — O cantor e compositor cantando, entre outros, no Caminho da Gente. Carné, Madrugada e Assim Assim. Dentro do Mostro Gôcho de Música Popular Brasileira. Direção geral de Paula K. Ingresso: Cr\$ 100,00 (incluindo 20 e 22h30). Teatros RUTH ESCOBAR (r. Das Inglezas, 209). Telefone: 289-2358. Até sábado, às 24 horas.

Luli e Lúcinha — A dupla cantando suas composições. Cênario de Lira Fernando. Teatro LIRA PAULISTANA (r. Teodoro Sampaio, 1091). Até domingo às 21 horas.

Nova Tempo — Ivan Lins mostrando músicas de seu álbum L2, a ser lançado pela EMI-Odeon. Entre outros, Chegou a Hora, de Djavan, Vento Nordeste, de Sueli Costa, Luz de São Jorge, de Caetano Veloso e suas composições. Ingressos: Cr\$ 500,00 e Cr\$ 900,00 (estudantes), menos sábado, quando o ingresso custa Cr\$ 500,00 Teat. PINKINGUHA (dr. Vila Nova, 245). Até 28 de setembro, às 21 horas.

O Virgem — Castilho analisando vários tipos da cidade grande, divertindo o público com sátiras políticas e abordando temas diferentes como o das profissões, o do ensino e a televisão moderna. Ingresso: Cr\$

### DANÇA

Naturalidade, o espetáculo de dança do Galpão. 21h.

Naturalidade — sob a direção da bailarina Analivia Cordeiro. Com Fabiana Cordeiro, a diretora, Gyndele Cavalcanti, Sílvia Rinaldi, Sylvia Nascimento e Christiana Dias. Descobertas do movimento do corpo e seu poder de expressão. Hoje, às 21h, no Teatro GALPÃO (r. das Inglezas, 209). Tel. 289-2358. Ingressos: Cr\$ 80,00 (incluindo).